

# A INSTITUCIONALIZAÇÃO DE ESTUDOS SOBRE A MULHER NEGRA: PERSPECTIVAS DOS ESTADOS UNIDOS E DO BRASIL<sup>1</sup>

*Kia Lilly Caldwell<sup>2</sup>*

Universidade da Carolina do Norte, USA

## **Resumo**

Este artigo examina o campo de estudos sobre a mulher negra no Brasil e nos Estados Unidos. A análise enfoca o surgimento deste campo de estudos nos Estados Unidos, durante os anos 1970 e 1980, e discute a possibilidade de fortalecer o desenvolvimento deste campo no Brasil. Em razão do aumento do número de estudantes negras na graduação e na pós-graduação no Brasil em anos recentes, a autora argumenta sobre a importância de dar enfoque à relação entre raça e gênero na academia brasileira.

## **Palavras-chave**

Mulheres Negras; Feminismo Negro; Estados Unidos; Brasil; Academia.

## **The Institutionalization of Black Women's Studies: Perspectives from the United States and Brazil**

## **Abstract**

This article examines the field of black women's studies in Brazil and the United States. The analysis focuses on the rise of this field in the United States during the 1970s and 1980s and discusses the possibility of strengthening the development of this field of study in Brazil. Due to the increase in the number of black female students at the undergraduate and graduate levels in Brazil in recent years, the author argues for the importance of focusing on the relationship between race and gender in the Brazilian academy.

## **Key words**

Black Women; Black Feminism; United States; Brazil; Academia.

---

<sup>1</sup> Uma versão deste texto foi apresentada no V Congresso de Pesquisadores/as Negros/as em Goiânia, em 2008. Aproveito a oportunidade para agradecer a Maria Inês Barbosa pelo convite para participar da mesa na qual este texto originalmente foi apresentado e discutido. Também agradeço a Matilde Ribeiro por seus comentários e sugestões, ao atuar como debatedora daquela mesa, bem aos outros participantes da sessão. Informo, ainda, que qualquer omissão ou falha de interpretação são de minha responsabilidade.

<sup>2</sup> Kia Lilly Caldwell é antropóloga e professora do Departamento de Estudos Africanos e Afro-Americanos na University of North Carolina, Chapel Hill, Estados Unidos. Sua pesquisa tem sido publicada nas revistas Estudos Feministas e Gênero, no Brasil, e Transforming Anthropology, Frontiers e The Journal of Negro Education, nos Estados Unidos. Seus livros incluem *Negras in Brazil: Re-envisioning Black Women, Citizenship, and the Politics of Identity* (Rutgers University Press, 2007) e a antologia *Gendered Citizenships: Transnational Perspectives on Culture, Political Activism, and Knowledge Production* (Palgrave, 2009). Desenvolve pesquisa sobre mulheres negras e a epidemia de HIV/AIDS no Brasil e nos Estados Unidos. E-mail: [klcaldwe@email.unc.edu](mailto:klcaldwe@email.unc.edu).



## **La Institucionalización de los Estudios de la Mujer Negra: La perspectiva de los Estados Unidos y Brasil.**

### **Resumen**

Este artículo examina el campo de los estudios sobre la mujer negra en Brasil y en Estados Unidos. El análisis se centra en la aparición de este campo de estudio en los Estados Unidos, entre 70 y 80, y se analiza la posibilidad de fortalecer el desarrollo de este campo de estudio en Brasil. Debido al aumento del número de estudiantes negras en cursos de pregrado y de posgrado en Brasil en los últimos años, el autor argumenta a favor de la importancia de centrarse en la relación entre raza y género en la academia brasileña.

### **Palavras claves**

Mujeres Negras; Feminismo Negro; Estados Unidos; Brasil; Academia.

## **L'Institilisation des études sur la femme noire : Perspectives des États –Unis et au Brésil**

### **Resumé**

Cette article examine le champ d'étude sur la femme noire au Brésil et aux Etats – Unis. Cette analyse se foque sur le surgiment de ce champ d'études aux États –Unis pendant les années 70 et 80 et discute la possibilité de fortifier le développement de ce champ d'études au Brésil .Depuis une augmentation de numéro d'étudiantes noires á la graduation e post -graduation au Brésil dans les années recentes ,l'auteur argumente sur l'importance de foquer la relation entre race et genre dans l'academie Brésilienne .

### **Mots clés**

Femmes Noires; Le Féminisme Noir; Etats-Unis; Brésil; Milieu Universitaire.



Este artigo pretende examinar o estabelecimento do campo de estudos sobre a mulher negra nos Estados Unidos desde o começo da década de 1980 até o presente. Além disso, a apresentação examina o aumento do número de pesquisas acadêmicas sobre a questão da mulher negra no Brasil em anos recentes. A análise compara as experiências de pesquisadoras e intelectuais negras dos Estados Unidos com as experiências de pesquisadoras e intelectuais negras do Brasil, para aprofundar nosso entendimento das possibilidades e desafios relacionados ao estabelecimento e à institucionalização de estudos sobre a mulher negra nos dois países.

### **Definindo o campo de estudos sobre a mulher negra nos Estados Unidos**

Durante o século XIX, houve uma emergência de militância social e política por mulheres negras e um aumento do número de publicações, tais como literatura, ensaios políticos e textos jornalísticos escritos por mulheres negras norte-americanas.<sup>3</sup> As falas públicas e as obras escritas por essas mulheres durante o século XIX apontavam para as experiências particulares das mulheres negras em virtude da relação entre raça e gênero, durante a escravidão e em virtude da segregação racial no período pós-abolição.

No final dos anos 1970 e começo dos anos 1980, houve um ressurgimento de obras escritas que enfocavam as experiências das mulheres negras norte-americanas. Durante essa época, mulheres negras nos EUA começaram a desenvolver uma crítica da chamada *Second Wave* (a segunda onda) do movimento feminista surgido nos anos 1960 e 1970, assim como dos movimentos de direitos civis e *Black Power*. As críticas das mulheres negras dessa época tinham muitas semelhanças com as expressas por mulheres negras do século XIX no que diz respeito à importância da relação entre raça e gênero em suas vidas e experiências.

As obras escritas por mulheres negras nos anos 1970 e 1980 fizeram parte dos primeiros trabalhos de um campo de estudo que estava se formando, o campo de estudos sobre a mulher negra norte-americana ou *Black Women's Studies*. As obras pioneiras foram *The Black Woman* (A Mulher Negra), editado por Toni Cade Bambara e publicado em 1970, e a antologia *All the Women are White, all the Blacks are Men, but some of us are Brave: Black Women's Studies*, também chamado *But some of us are Brave* (Todas as mulheres são brancas, Todos os negros são homens, mas algumas de nós temos coragem: Estudos da Mulher Negra), publicado em 1982.

*But some of us are Brave* marcava uma tentativa de definir e institucionalizar o campo de estudos sobre a mulher negra nos Estados Unidos. Essa antologia de ensaios escritos por mulheres negras delineava temas relevantes às experiências das mulheres negras e apontava para a necessidade de desenvolver uma disciplina nova, focada na questão da mulher negra nas universidades norte-americanas. A introdução da obra tem o título de "*The Politics of Black Women's Studies*" (As Políticas dos Estudos sobre a Mulher Negra). Nesse ensaio introdutório, Gloria T. Hull e Barbara Smith, editoras do livro, falam da importância desses estudos:

---

3 Mulheres negras norte-americanas como Sojourner Truth, Maria W. Stewart, Anna Julia Cooper e Ida B. Wells-Barnett tiveram papel fundamental no desenvolvimento de uma crítica feminista negra durante o século XIX. Harriet Jacobs publicou a primeira narrativa de uma ex-escrava negra nos Estados Unidos durante o século XIX. Este livro, *Incidents in the Life of a Slave Girl*, demonstrava como as experiências de mulheres escravas foram influenciadas por suas identidades de gênero, particularmente em relação à exploração sexual. Veja Guy-Sheftall (1995) para uma discussão do feminismo negro nos EUA durante este período.

Meramente usar a expressão “estudos da mulher negra” é um ato carregado de significado político. Pelo menos, combinar essas palavras para nomear uma disciplina significa tomar uma posição que reconhece que as mulheres negras existem – e que existem de uma forma positiva –, um posicionamento que está em contradição à maioria de coisas que são valorizadas como cultura e pensamento no continente norte-americano. Usar esse termo e fazer ações baseadas nele em um mundo de homens brancos é um ato político de coragem (1982, p. XVII).

Gloria T. Hull e Barbara Smith continuam:

Como qualquer grupo a que faltam direitos políticos, as mulheres negras não poderiam existir de uma forma consciente antes de nós as nomearmos. O aumento no número de estudos sobre a questão da mulher negra é um aspecto essencial deste processo de nomeação. O fato mesmo é que os estudos da mulher negra descrevem algo que está acontecendo, um campo de estudo crescente, demonstram que tem havido mudanças políticas que possibilitam este crescimento. Examinar a política do campo de estudos da mulher negra significa considerar não só o que é, mas por que existe e o que poderia ser (*Idem, ibidem*).

O ensaio de Hull e Smith delinea quatro temas considerados importantes em uma reflexão sobre da política de estudos da mulher negra:

(1) a situação política em geral das mulheres negras e o impacto disso na implementação de estudos da mulher negra; (2) a relação entre os estudos sobre a mulher negra e o feminismo negro e o movimento de feministas negras; (3) a necessidade de ter um campo de estudos sobre a mulher negra que seja feminista, radical, e analítico; e (4) a necessidade de ter professoras universitárias no campo de estudos da mulher negra que reconhecem nossa posição política *complicada/problemática* dentro da academia e a possibilidade que temos de trabalhar em condições *antagônicas/adversas* (*Idem, ibidem*).

As autoras desenvolvem, mais tarde no ensaio, o quarto tema citado anteriormente. Comentam que as condições de trabalho dentro da “academia branca e masculina” existem dentro de uma estrutura não só elitista e racista, mas também muito misógina. Além disso, apontam para o fato de as mulheres negras fazerem parte de dois grupos que têm sido definidos como “congenitamente inferior em relação à inteligência”, a saber, os grupos de negros e mulheres (*Idem, ibidem*, p. XXIV). Argumentam também que suposições em relação à inteligência das mulheres negras ameaçam sua credibilidade e sua legitimidade como intelectuais dentro da academia norte-americana.

Hull e Smith apontam para a necessidade de rejeitar “os modos de pensamento branco-masculino da civilização ocidental”, por serem falidos, e para a necessidade de se promover a importância de as intelectuais negras manterem uma postura constantemente militante e crítica em relação aos lugares nos quais desenvolvem seus trabalhos (*Idem, ibidem*, p. XXIV). Elas argumentam sobre a importância de desenvolver maneiras de diminuir o isolamento das mulheres negras dentro da academia branco-masculina e de se formarem redes de apoio como as que as mulheres negras têm formado para ajudar umas às outras a sobreviver. Chamam atenção ainda para a necessidade de se criar lugares que pertençam às intelectuais negras, tais como conferências, institutos, revistas e instituições, onde as mulheres negras possam se sentir em casa e ganhar respeito perante as formas profundas de percepção que acompanham suas identidades.



## O desenvolvimento do campo de estudos sobre a mulher negra: os anos 1980 e 1990

A antologia “*But some of us are Brave*” é dividida em sete seções: (1) A busca de irmandade: feminismo negro; (2) Obstáculos na estrada e pontes: enfrentar o racismo; (3) Dissipando os mitos: a mulher negra e as Ciências Sociais; (4) Sobrevivência criativa: preservação do corpo, intelecto e espírito; (5) “Pão necessário”: a literatura da mulher negra; (6) Bibliografias e ensaios bibliográficos; e (7) Pedagogia: currículo de aulas (Ciências Sociais, Literatura, Interdisciplinares).<sup>4</sup> Muitas das contribuições ao livro tratam de disciplinas e campos de estudo que tinham negado enfoque à mulher negra, tal como a História e a Sociologia, as quais perpetuaram uma imagem falsa e estereotipada, tanto no passado quanto no presente. Outros ensaios oferecem informações preliminares para o resgate da literatura e da música escritas e compostas por mulheres negras.

Durante os anos 1980 e 1990, a maioria de estudos sobre a mulher negra norte-americana foi desenvolvida nas disciplinas de História e Literatura. Na História, havia um crescimento marcante de livros e estudos publicados sobre a mulher negra durante a década de 1980. Historiadoras negras, como Darlene Clark Hine, Paula Giddings, Nell Painter, Sharon Harley, Rosalyn Terborg-Penn, Jacqueline Jones e Deborah Gray White, fizeram parte de uma nova geração de pesquisadoras que se voltaram para experiências da mulher negra na sociedade escravocrata e nas épocas pós-escravidão.<sup>5</sup> O trabalho dessas historiadoras tem sido fundamental ao projeto de resgatar e valorizar experiências, desafios e formas de resistência das mulheres negras nos EUA, particularmente durante a escravidão. Até os anos 1980, as mulheres negras ou eram invisíveis nos textos da História ou eram estereotipadas como empregadas domésticas/“mammies” (mães pretas), figuras hipersexualizadas/“jezebels” (o equivalente da mulata sensual no Brasil). Em suas pesquisas, essas historiadoras negras, nas últimas décadas do século XX, garantiram destaque à voz da mulher negra no desenvolvimento social e econômico dos Estados Unidos e o papel central da mulher negra no desenvolvimento e na sobrevivência da comunidade negra no país. O aumento de estudos históricos sobre a mulher negra também contribuiu para estabelecer o campo de estudo sobre a história da mulher negra como um projeto importante e viável.

Estudos da mulher negra na área de Literatura norte-americana também têm sido fundamentais ao projeto de resgatar a voz e as experiências da mulher negra nos Estados Unidos. Também durante os anos 1980, estudiosas negras da literatura estadunidense, como Barbara Christian, Nelly McKay, e Hazel Carby (uma mulher negra do Reino Unido), produziam obras importantes sobre a tradição literária das mulheres negras nos Estados Unidos.<sup>6</sup> Essas obras causaram um impacto muito grande nas universidades norte-americanas e iniciaram o processo de quebra da hegemonia branca e masculina na área de Literatura. A partir de então, os escritos das mulheres negras foram incluídos nos níveis de ensino equivalentes aos de graduação e pós-graduação, e os editores começaram a republicar obras escritas por mulheres negras durante o século XIX e

4 Em 2009 o livro *Still Brave: The Evolution of Black Women’s Studies* foi publicado para comemorar a publicação do livro *But Some of Us Are Brave*. O livro contém ensaios que discutem o campo de estudos sobre a mulher negra nos EUA e seu desenvolvimento desde os anos 1980.

5 Estudos que foram publicados por historiadoras negras incluem: Hine (1990, 1995), Giddings (1984), Harley e Terborg-Penn (1987) e White (1985).

6 Veja, por exemplo, Christian (1980, 1985), McKay (1988) e Carby (1987).

início do século XX, que tinham sido esquecidas. Ao mesmo tempo, houve um aumento visível na quantidade de obras literárias de escritoras negras publicadas ou re-publicadas, a exemplo das novelas e das poesias de escritoras como Toni Morrison, Alice Walker, Maya Angelou e Toni Cade Bambara. Somado a isso, desde os anos 1970, notava-se a produção de teoria feminista por mulheres negras. As obras de feministas negras como Angela Davis, bell hooks, Audre Lorde e Patricia Hill Collins contribuíram para aprofundar a análise e a compreensão da marginalização social, econômica e política das mulheres negras nos EUA.<sup>7</sup> As contribuições das intelectuais negras, dentro e fora da academia norte-americana, durante os anos 1980 e 1990, contribuíram para o fortalecimento de estudos sobre as mulheres negras durante o período.<sup>8</sup>

### **Os estudos da mulher negra em relação aos estudos negros/afro-americanos e os estudos da mulher**

Em ensaio publicado em 1989, a estudiosa da literatura negra Barabara Christian destaca a situação complicada enfrentada pelas intelectuais negras. Tratava-se da falta de uma “casa” ou espaço que respondesse às necessidades dos estudos da mulher negra. Christian notava que o estudo de mulheres negras constituía uma crítica aos estudos afro-americanos e aos estudos sobre a mulher, mas, ao mesmo tempo, essas entidades não tinham poder e ainda careciam de validação dentro da academia norte-americana. Além disso, a estudiosa argumentava que havia uma necessidade de as mulheres negras protegê-los, apesar da marginalização das mulheres negras dentro dos estudos afro-americanos e sobre a mulher, em razão do fato de eles serem os “únicos grupos que reconhecem a nossa existência” (Christian, 1989, p. 22).

Dos anos 1980 até o presente, o campo de estudos da mulher negra tem mantido uma relação complicada com os campos de estudos afro-americanos e sobre a mulher. Um artigo publicado em 2007 discute as dinâmicas da relação do campo de estudos da mulher negra com essas outras áreas (Cole e Haniff, 2007). Elizabeth Cole e Nesha Haniff apontam para o progresso obtido no desenvolvimento do campo de estudos sobre a mulher negra e sobre o posicionamento de estudiosas negras nessa área dentro das universidades norte-americanas. As autoras também expõem os problemas que os estudos afro-americanos e sobre a mulher enfrentam ao lidar com a questão da mulher negra. Cole e Haniff chamam atenção para tradições e práticas intelectuais dentro do campo de estudos afro-americanos que ou mantêm uma visão de gênero como algo “essencial, natural e definido por papéis separados e complementares para os homens e as mulheres”, ou negam a importância de gênero em comunidades negras norte-americanas (*Idem, ibidem*, p. 29). Também tratam de problemas com as dinâmicas de gênero dentro de muitos departamentos de estudos afro-americanos, os quais resultam em privilégio masculino. Argumentam, porém, que os departamentos de estudos afro-americanos provêm um refúgio do racismo aberto que existe nas universidades cujos alunos são brancos, em sua maioria.

Em sua análise sobre o tratamento da questão da mulher negra dentro do campo de estudos sobre a mulher, Cole e Haniff discutem as tensões existentes entre as estudiosas brancas e negras e mostram as mudanças que foram realizadas no campo de estudos sobre a mulher em relação à questão da mulher negra.

7 Veja, por exemplo, Davis (1981, 1989), hooks (1981, 1984), Collins (1991) e Lorde (1984).

8 Ha uma bibliografia sobre feminismo negro nos EUA que contém referências de várias disciplinas no site: <http://www.library.ucsb.edu/subjects/blackfeminism/>



Tal como argumentam, as estudiosas no campo de estudos da mulher têm empenhado mais esforços para trabalhar com a questão da mulher negra do que estudiosos do campo de estudos afro-americanos. Cole e Haniff reconhecem que os estudos feitos por mulheres de cor nos Estados Unidos sobre a relação entre gênero, raça e outras formas de opressão têm forçado o campo de estudos sobre a mulher a aprofundar suas teorias e modos de pensamento em relação à questão de gênero, assim como a incorporar raça e outros modos de diferença em sua produção intelectual e em sua pedagogia. Para as estudiosas, um processo similar no que diz respeito à questão de gênero não tem ocorrido dentro dos campos de estudos afro-americanos.

O ensaio de Cole e Haniff ressalta as contribuições dos estudos sobre a mulher negra para a transformação dos estudos afro-americanos e sobre a mulher nas áreas de pedagogia, produção de conhecimento e quanto às tentativas de ligar a produção de conhecimento à militância:

Os estudos da mulher negra se importam com o estudo das vidas, condições e produtos culturais de mulheres de ascendência africana na diáspora, nos períodos históricos e contemporâneos, com o propósito de melhorar as vidas das mulheres negras. Nós acreditamos fortemente que os que se envolvem neste projeto precisam se comprometer com o trabalho de honrar e representar o espectro completo de experiências diversas que existem dentro da categoria “mulheres negras.” Ainda que os estudos da mulher negra estejam engajados de uma forma vital com os estudos da mulher e os estudos negros, nenhuma dessas disciplinas faz destes dois propósitos uma parte central de sua missão. Por esta razão, argumentamos que o campo de estudos da mulher negra é diferenciado destas disciplinas e constitui uma forma necessária de corrigir o fato de os outros estudos terem se omitido (*Idem, ibidem*, p. 40).

### **O campo de estudos sobre a mulher negra no Brasil**

Em virtudes das mudanças em relação ao desenvolvimento de políticas públicas para a população negra e do aumento nas discussões sobre a questão racial no Brasil em anos recentes, este momento oferece a importante oportunidade para pensar, de forma coletiva, sobre o desenvolvimento (passado e futuro) de estudos sobre a mulher negra no Brasil. Para mim, escrever este artigo oferece a oportunidade de retomar um trabalho que comecei quando escrevi um texto sobre os estudos da mulher e a questão racial, o qual foi publicado com o título “Fronteiras da Diferença” (Caldwell, 2000). Neste artigo, analiso a invisibilidade da raça e das experiências das mulheres negras no campo de estudos da mulher no Brasil, a partir de um olhar comparativo sobre estudos da mulher na Inglaterra, nos Estados Unidos e no Canadá. Minha análise enfatiza a ausência da raça na maior parte dos estudos da mulher no Brasil e sugere que, para alcançar um melhor entendimento da diversidade das experiências das mulheres brasileiras, é preciso dar um maior enfoque para as “diferenças” raciais e para a relação entre raça e gênero.

Além de analisar as omissões da questão racial nas pesquisas e trabalhos acadêmicos de mulheres brancas, creio que, neste momento, vale a pena pensar em estratégias para fortalecer a produção intelectual das mulheres negras sobre a relação entre raça, gênero, classe e sexualidade. Antes, contudo, de pensar no futuro dos estudos da mulher negra no Brasil, acredito que seria bom refletir sobre o trabalho já feito e as dificuldades

que as mulheres negras brasileiras têm encontrado em suas tentativas de fazer pesquisa e produzir trabalho acadêmico nesta área. Ao mesmo tempo, é de suma importância reconhecer as publicações de feministas negras brasileiras que não atuam no meio acadêmico e as que compartilham seu tempo entre a militância e a academia como formas de produção intelectual (Caldwell 2007, 2008). Há uma tradição intelectual importante de mulheres negras brasileiras que surgiu nos anos 1970 e 1980, com as obras de Lélia Gonzalez, Beatriz Nascimento, Sueli Carneiro, Thereza Santos, Edna Roland, Luiza Bairros e Fátima Oliveira. A militância e a produção intelectual dessas feministas negras tem sido fundamental na construção de pensamento e teoria do feminismo negro no Brasil.

Num dossiê especial da revista *Estudos Feministas*, intitulado “Mulheres Negras”, publicado em 1995, Matilde Ribeiro fala da dificuldade que enfrentou para organizar o dossiê. Ela comenta:

O projeto inicial era abrir um espaço para autoras negras que estão realizando pesquisas específicas ou formulações teóricas sobre as questões de gênero e raça, participação política, ou ainda que como integrantes dos movimentos negro, feminista e de mulheres negras, academia, instituições públicas, tivessem contribuições a dar para um painel das mulheres negras e suas lutas no país (Ribeiro, 1995, p. 434).

Ribeiro salienta que, depois de quase um ano de trabalho, esse formato não deu certo. Também reconhece o pequeno número de textos recebidos para esse projeto. Os comentários de Matilde Ribeiro sobre as possíveis causas do que ela chama uma “frágil resposta” aos pedidos de envio de artigos para o dossiê são esclarecedoras para esta análise sobre o campo de estudos sobre a mulher negra. Ribeiro atribui a resposta a três causas:

- As mulheres negras, a partir de sua organização autônoma e enfrentamento crítico aos movimentos negro e feminista nas últimas décadas, têm contribuído para a ampliação dos debates acerca de sua realidade. Porém, a sistematização dessa prática ainda é muito pequena.
- Existe uma distância entre os espaços acadêmicos e os movimentos sociais, principalmente no que diz respeito às questões raciais. Pouquíssimas mulheres negras encontram-se nos espaços acadêmicos.
- Existe também uma distância entre as práticas e formulações teóricas do movimento feminista e a realidade das mulheres negras (*Idem, ibidem*, p. 435).

Em nossas tentativas de pensar o desenvolvimento futuro de estudos da mulher negra e a possível institucionalização de um campo de estudos da mulher negra, penso que seria útil focar a segunda colocação de Ribeiro. Trata-se do baixo número de mulheres negras presentes em espaços acadêmicos. Pelo fato de este artigo ser publicado na *Revista da ABPN*, creio ser particularmente interessante pensar sobre o impacto que o número crescente de mulheres negras nos cursos graduação e pós-graduação no Brasil está tendo para a consolidação de estudos sobre a mulher negra e sobre um maior enfoque na relação entre raça, gênero e outras formas de diferença e opressão no Brasil e em outros países.





## Conclusão

Para concluir, gostaria de sugerir alguns temas para reflexão:

Primeiro, creio que seria útil pensar se há necessidade de nomear e articular um campo de estudos da mulher negra neste momento, em razão do número crescente de estudos sobre a mulher negra nas universidades.

Segundo, que estratégias de promoção de estudos e pesquisas sobre a mulher negra são possíveis nos diversos setores (pesquisa, sala de aula, etc.) e níveis da academia (graduação, pós-graduação, extensão)?

Terceiro, quais seriam os benefícios de ter um campo de estudos chamado “estudos da mulher negra” no Brasil? Quais seriam os propósitos deste campo de estudos? Seria bom, pelo menos inicialmente, ter foco em áreas específicas, tais como produção artística, saúde coletiva, psicologia, etc.?

Quarto, qual seria a relação deste campo de estudos com os estudos afro-brasileiros/estudos sobre a questão racial e os estudos da mulher? Qual seria a relação desse campo com os movimentos sociais, particularmente o movimento de mulheres negras?

Finalmente, quais ações seriam necessárias para estabelecer e fortalecer os estudos da mulher negra (e o campo de estudos da mulher negra)? – por exemplo, núcleos ou centros de pesquisa em universidades, disciplinas ou cursos que enfocam o tema, livros, antologias, revistas e outras publicações, e conferências.

## Referências bibliográficas

- BAMBARA, Toni Cade (org.) *The Black Woman: An Anthology*. New York: Signet, 1971.
- CALDWELL, Kia Lilly. Fronteiras da diferença: raça e a mulher no Brasil. *Revista de Estudos Feministas*, v. 8, n. 2, 2000, p. 91-108.
- \_\_\_\_\_. *Negras in Brazil; Re-envisioning Black Women, Citizenship, and the Politics of Identity*. New Brunswick, NJ: Rutgers University Press, 2007.
- \_\_\_\_\_. Mulheres negras, militância política e justiça social no Brasil. *Gênero*, v. 8, n. 2, 2008, p. 53-69.
- CARBY, Hazel. *Reconstructing Womanhood: The Emergence of the Afro-American Woman Novelist*. New York: Oxford University Press, 1987.
- CHRISTIAN, Barbara. *Black Women Novelists: The Development of a Tradition, 1892-1976*. Westport, CT: Greenwood Press, 1980.
- CHRISTIAN, Barbara. *Black Feminist Criticism: Perspectives on Black Women Writers*. New York: Pergamon Press, 1985.
- CHRISTIAN, Barbara. But Who Do You Really Belong to – Black Studies or Women’s Studies?. *Women’s Studies*, v. 17, n. 1-2, 1989, p. 17-23.
- COLE, Elizabeth R. e HANIFF, Nesha Z. Building a Home for Black Women’s Studies. *Black Women, Gender, and Families*, v. 1, n. 1, 2007, p. 24-45.
- COLLINS, Patricia Hill. *Black Feminist Thought: Knowledge, Consciousness, and the Politics of Empowerment*. New York: Routledge, 1991.
- DAVIS, Angela. *Women, Race & Class*. New York: Vintage Books, 1981.
- \_\_\_\_\_. *Women, Culture, and Politics*. New York: Random House, 1989.
- GIDDINGS, Paula. *When and Where I Enter: The Impact of Black Women on Race and Sex in America*. New York: Morrow, 1984.

- GUY-SHEFTALL, Beverly (org.). *Words of Fire: An Anthology of African-American Feminist Thought*. New York: The New Press, 1995.
- HARLEY, Sharon and Rosalyn Terborg-Penn (orgs.). *The Black Woman: Struggles and Images*. Baltimore, MD: Black Classic Press, 1987.
- HINE, Darlene Clark. *Black Women in America: From Colonial Times Through the Nineteenth Century*. 4 v. Brooklyn, NY: Carlson Publishing, 1990.
- HINE, Darlene Clark e KING, Wilma (eds.). *"We Specialize in the Wholly Impossible": A Reader in Black Women's History*. Brooklyn: Carlson Publishing, 1995.
- HOOKS, bell. *Ain't I A Woman: Black Women and Feminism*. Boston: South End Press, 1981.
- \_\_\_\_\_. *Feminist Theory from Margin to Center*. Boston: South End Press, 1984.
- HULL, Gloria T., SCOTT, Patricia Bell e SMITH, Barbara (orgs.). *All the Women are White, all the Blacks are Men, but some of us are Brave: Black Women's Studies*. Old Westbury, NY: The Feminist Press, 1982.
- HULL, Gloria T. e SMITH, Barbara. The Politics of Black Women's Studies. In: HULL, Gloria T., SCOTT, Patricia Bell e SMITH, Barbara (orgs.). *All the Women are White, all the Blacks are Men, but some of us are Brave: Black Women's Studies*. Old Westbury, NY: The Feminist Press, 1982.
- JAMES, Stanlie M., FOSTER, Frances Smith e GUY-SHEFTALL, Beverly (eds.) *Still Brave: The Evolution of Black Women's Studies*. New York: The Feminist Press, 2009
- JONES, Jacqueline. *Labor of Love Labor of Sorrow: Black Women, Work and the Family, From Slavery to the Present*. New York: Random House, 1985.
- LORDE, Audre. *Sister Outsider: Essays and Speeches*. Trumansburg, NY: Crossing Press, 1984.
- MCKAY, Nellie. *Critical Essays on Toni Morrison*. Boston, MA: G.K. Hall, 1988.
- RIBEIRO, Matilde. Apresentação: Dossiê Mulheres Negras. *Revista Estudos Feministas*, v. 3, n. 2, 1995, p. 434-435.
- WHITE, Deborah Gray. *Ar'n't I A Woman? Female Slaves in the Plantation South*. New York: Norton, 1985.